

INTEGRAÇÃO MARÉ/UFRJ E A AGRICULTURA URBANA

Duboc, Marilda^b, Camila A. Martins^a, Firmo, H. T.^{a,b}, Lynna T. Fuly^a, Tomé de A. e Lima^a

^a MUDA - Mutirão de Agroecologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b NIDES - Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

* muda@poli.ufrj.br

Resumo: Nos últimos anos, vê-se um número crescente de jovens oriundos do complexo da Maré e adjacências que frequentam o campus da UFRJ, especialmente o CT - Centro de Tecnologia. Estes atuam essencialmente como pedintes, gerando preocupação por parte da comunidade acadêmica. Motivados por essas inquietações foi realizado o I Seminário de Integração UFRJ/Maré, onde houve diálogo com profissionais capacitados que deram o suporte necessário para propor medidas cabíveis. O Projeto de Extensão Integração Maré/UFRJ surgiu com a intenção de oferecer rotas alternativas de ensino, criar um ambiente para inclusão social e aproximar esses jovens de forma que eles se sintam inseridos de maneira educativa no ambiente acadêmico. Assim, o objetivo era permitir um resgate da autoestima, ao promover uma ocupação saudável do espaço por parte desses menores. O projeto visou também capacitar estudantes de graduação para atuarem como facilitadores das ações para com a comunidade, desenvolvendo tecnologias de fácil replicação e baixo custo para a solução de problemáticas socioambientais adaptadas à realidade local e em harmonia com o meio ambiente. Foi realizado um curso de agroecologia, agricultura urbana e educação ambiental no sentido de incentivar conhecimento, autonomia e práticas ecológicas. O curso ofereceu, ao longo de 10 aulas, a oportunidade de aproximação entre jovens de classes sociais distintas, proporcionando diálogo e trocas de experiências na universidade, visando mostrar a viabilidade da produção de seus próprios alimentos. Como prática, a educação ambiental prepara para a formação da cidadania por meio da participação ativa individual e coletiva, considerando os processos socioeconômicos, políticos e culturais que a influenciam. Os resultados permitiram um conhecimento aprofundado da realidade desses jovens e foram em geral muito positivos, desde a participação, interesse e gratidão pelas atividades exercidas por parte dos envolvidos.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Agroecologia. Meio Ambiente. Agricultura Urbana. Extensão Universitária.

1 INTRODUÇÃO

O Complexo de Favelas da Maré possui aproximadamente 132 mil habitantes, que se distribuem por cerca de 38 mil domicílios, em 16 comunidades (REDES, 2012) e se localiza ao lado do campus Fundão da UFRJ, como pode ser visto na Figura 1. O número crescente de jovens pedintes da Maré na universidade, especialmente no CT (Centro de Tecnologia), tem gerado preocupação e por vezes constrangimento por parte da comunidade acadêmica. Alguns sentem medo, outros culpam a administração do Centro de Tecnologia e ainda há aqueles que protegem esses pedintes, acusando os seguranças do campus de uma abordagem inadequada. O assunto chegou a ser tema de discussões em grupos de mídias sociais, frequentemente tratados de forma pouco solidária e preconceituosa. Como lidar com uma questão tão complexa?

Figura 1 - Vista Satélite Complexo da Maré e Campus Fundão



(Fonte: GoogleMaps, via Satélite)

Motivados por essas inquietações e buscando dialogar com profissionais capacitados a dar o suporte necessário para balizar as medidas a serem tomadas, foi realizado o I Seminário de Integração Maré/UFRJ em 2017. Por iniciativa da Decania do CT, foram convidados representantes das comunidades locais, dos CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) do município do Rio de Janeiro, além de representante da LAMSA (Concessionária Linha Amarela S. A.), de coletivos da Maré e coordenadores de projetos de extensão que dialogam com os moradores da Maré. Esse seminário resultou em um grupo de trabalho que se reuniu em 2017 e 2018 com periodicidade mensal para elaborar e implementar estratégias de trabalho.

Anteriormente à realização deste seminário, o CREAS Stella Maris da Ilha do Governador, já vinha atuando desde 2014/1015 com meninos e meninas da Maré que são vistos na venda de biscoitos nos engarrafamentos da linha vermelha. O CREAS Stella Maris trabalha com a busca ativa de crianças em situação de risco, e apesar daqueles não estarem em situação de rua pois têm residência na comunidade, há a possibilidade de se encontrarem em trabalho infantil.

A atuação consiste em mapear e tentar aproximação com os grupos e posteriormente vinculação com as famílias para entender e ajudar a superar essas possíveis violações. Esta aproximação é complexa e leva tempo e há ainda outras dificuldades, como aquelas relacionadas ao acesso ao território da Maré, foco de graves tensões cotidianas no município do Rio de Janeiro.

Além das reuniões, foram realizadas abordagens itinerantes das assistentes sociais no campus da UFRJ e principalmente no CT. Foi feito um levantamento junto aos jovens e foi possível elaborar um perfil socioeconômico desses jovens e suas possíveis demandas. Em alguns casos, há histórico de envolvimento com drogas além de problemas familiares. Alguns vendem biscoitos nos engarrafamentos na Linha Amarela e perambulam pelo campus na condição de pedintes.

Na tentativa de contribuir para a elaboração de uma política institucional da universidade ao mesmo tempo em que percebiam no problema uma oportunidade de educação para a formação do estudante e do cidadão, surgiu a idéia de se criar projetos e cursos de extensão com a intenção de oferecer rotas alternativas de ensino, criar um ambiente para inclusão social e aproximar esses jovens do ambiente acadêmico de forma que eles se sentissem, ainda que de forma limitada, partícipes da UFRJ. Assim, objetiva-se recuperar a autoestima e promover uma ocupação saudável do campus por parte desses menores. Paralelamente, ao permitir aos estudantes de graduação a participação no projeto de extensão com esses menores pedintes, é oferecido ao estudante da UFRJ uma forma solidária e cidadã de lidar com questões de permeiam a rotina urbana no campus e na cidade do Rio de Janeiro.

Como primeiro projeto, o curso de extensão Integração Maré/UFRJ e a Agricultura Urbana, foi iniciativa da coordenadora do programa de ensino, pesquisa e extensão MUDA (Mutirão de Agroecologia) do NIDES/UFRJ (Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social). O curso Integração Maré/UFRJ e a Agricultura Urbana tem rota de ensino ligada à agroecologia, agricultura urbana e educação ambiental e foi realizado em 2018.

O projeto visou também capacitar estudantes de graduação para atuarem como facilitadores das ações desenvolvendo tecnologias sociais para a solução de problemáticas socioambientais adaptadas à realidade local e em harmonia com o meio ambiente. Visou ainda oportunizar a aproximação entre jovens de classes sociais distintas, proporcionando diálogo e trocas de experiências na universidade mostrando a viabilidade da produção de seus próprios alimentos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

A tecnologia convencional (TC), de acordo com Dagnino (2011) é o resultado de uma ação do capitalista sobre um processo de trabalho que, em função de um contexto socioeconômico busca a apropriação dos meios de produção. A tecnologia convencional também é capaz de alterar o processo produtivo no sentido de reduzir o tempo necessário à fabricação de um dado produto e de fazer com que a parte da produção resultante excedente, possa ser apropriada pelo capitalista. Assim, esta tecnologia mostra-se à serviço de um pequeno grupo, que busca a manutenção de sua hegemonia por intermédio do domínio social pelo uso da tecnologia.

O conceito de tecnologia social (TS) permeia outros conceitos, tais como: a participação comunitária no processo decisório de escolha tecnológica, o baixo custo dos produtos ou serviços finais e do investimento necessário para produzi-los, a pequena ou média escala, a simplicidade, os efeitos positivos que sua utilização traria para a geração de renda, saúde, emprego, produção de alimentos, nutrição, habitação, relações sociais e meio ambiente. Neste contexto, passou-se a identificar TS apropriada como “um conjunto de técnicas de produção que utiliza de maneira ótima os recursos disponíveis de certa sociedade maximizando, assim, seu bem-estar” (DAGNINO, 1976, p. 86).

David Dickson (1978 apud DAGNINO, 2004), argumenta que os problemas contemporâneos associados à TC provêm não apenas dos usos para os quais é empregada, mas também de sua própria natureza. A TC cumpriria uma dupla função: no nível material, mantém e promove os interesses dos grupos sociais dominantes na sociedade em que se

desenvolve; no nível simbólico, apoia e propaga a ideologia legitimadora desta sociedade, sua interpretação do mundo e a posição que nele ocupam.

A ideia de que os moradores de uma comunidade, dotados de liberdade, podem ser agentes de transformação social faz frente às ideologias pessimistas que tendem à imobilizar os indivíduos. Tal transformação social é possível através da emancipação dos indivíduos, permitindo que novas formas de resistência façam frente às diversas maneiras de dominação vigente, através do pensamento crítico (ADORNO, 1995).

O destino está nas mãos de cada ser humano singular pertencente àquela determinada comunidade, conquanto haja uma dinâmica social local que facilite o processo, gerando emancipação individual e coletiva, e sinergia entre diversos esforços. A ideia da educação para o envolvimento local está diretamente vinculada a essa compreensão e à necessidade de se formarem pessoas, que amanhã possam participar de forma ativa da transformação do seu entorno. Para termos cidadania ativa, temos de ter uma cidadania informada, e isso deve começar cedo. A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la.

Atualmente é consenso que os benefícios da educação ambiental e da agroecologia estão associados a uma série de aspectos, entre os quais Nodari e Guerra (2015) destacam os sociais, da saúde, culturais, ecológicos e metodológicos. Do ponto de vista social há aumento de capital e de coesão social, da redução da pobreza já que há potencial para aumentar a renda resultante da venda de produtos agroecológicos e diminuição do comprometimento da renda ao reduzir a necessidade de adquirir insumos externos caros;

Na saúde, há melhora na qualidade da alimentação e nutrição e redução da exposição aos agrotóxicos. Do ponto de vista cultural, há promoção de um diálogo de saberes e dos valores do conhecimento tradicional, potencializando a criatividade e a inovação e capacitando a comunidade para tornar-se agente do seu próprio desenvolvimento. Há benefícios ecológicos em razão da redução da poluição da água e do solo e da conservação da biodiversidade, práticas ecológicas reduzem a dependência de insumos externos e são poupadoras de energia. Por fim os metodológicos, pois, ao promover processos de pesquisa participativa, permite o entendimento holístico dos agroecossistemas (NODARI, GUERRA, 2015, p. 202).

Neste sentido, a elaboração de tecnologias sociais assume caráter extremamente positivo. Tecnologia social compreende produto, processo, técnicas ou metodologias replicáveis elaboradas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social (RTS, 2006).

Capacitar jovens e moradores das comunidades da Maré a cultivarem seu próprio alimento contribui para capacitar esses indivíduos a alcançarem situação de maior segurança alimentar, além de conscientizar para uma alimentação saudável, livre de agrotóxicos e de pesticidas.

Assim, é possível tecer uma rede de valorização do indivíduo e do cidadão, rede essa que vai desde a forma como se produz os alimentos, passando por questões de empoderamento individual e coletivo e indo até a mesa do consumidor, ou seja, de toda a população, seja ela do campo, da cidade ou das florestas, traz benefícios inquestionáveis para a saúde e bem estar.

Dentre as diversas conceituações de saúde, o conceito ampliado trazido pela VIII Conferência Nacional de Saúde (1986) nos diz que esta é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde (BRASIL, 1986).

3 O CURSO INTEGRAÇÃO MARÉ/UFRJ E A AGRICULTURA URBANA

A proximidade da Maré com o Campus da UFRJ indica uma interação necessária e natural com a comunidade acadêmica. O projeto Integração Maré/UFRJ e a Agricultura Urbana surgiu como uma consequência de outras iniciativas já em curso no campus da UFRJ: o projeto MUDA e a Iniciativa de Integração Maré/UFRJ. O grupo MUDA já trabalha agroecologia desde 2009 na Ilha do Fundão e desde 2013 no complexo da Maré. Se desenvolveu no campus, em um dos estacionamentos do Centro de Tecnologia um espaço para pesquisa e experimentação agroecológica e agroflorestal chamado de LaVAPer (Laboratório Vivo de Agroecologia e Permacultura) através de mutirões dos integrantes do grupo e das atividades de extensão do MUDA. Na Maré, foram realizadas oficinas temáticas junto ao Museu da Maré, o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), à Lona Cultural Herbert Vianna, à Redes de Desenvolvimento da Maré e à Vila Olímpica da Maré (MENÉNDEZ, et al, 2015). O objetivo da experiência na Vila Olímpica da Maré (VOM), foi criar o Centro Integrado de Compostagem e Logística de Orgânicos, o CICLO VOM, com o intuito de oferecer soluções aos problemas ambientais e sociais relacionados à gestão de resíduos e segurança alimentar através da compostagem, produção orgânica de alimentos e da ação continuada com crianças. O projeto foi suspenso devido a paralisação das atividades na VOM com a intervenção militar e com os cortes orçamentários de 2014 e 2016.

A partir da experiência prática e das temáticas da educação ambiental, buscou-se envolver os adolescentes moradores das comunidade da Maré com sensibilização quanto às questões ambientais, capacitando-os em agroecologia e agricultura urbana, no sentido de produzirem seus próprios alimentos em hortas, sem uso de agrotóxicos ou pesticidas, além de realizar a gestão dos resíduos orgânicos, por intermédio de compostagem de acordo com (INACIO & MILLER, 2009).

A proposta visou também propiciar educação ambiental no âmbito alimentar, compatíveis com políticas públicas para a agricultura familiar: o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), este último uma ação do Governo Federal para colaborar com o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a agricultura familiar.

3.1 Objetivos

O objetivo geral do curso foi promover uma aproximação entre as crianças participantes do projeto e as questões ambientais. Os objetivos específicos foram:

- Capacitá-los, enquanto moradores das comunidades da Maré, em agricultura urbana, no sentido de torná-los aptos a produzirem seus próprios alimentos em hortas, sem uso de agrotóxicos, gerindo adequadamente seus resíduos e aproveitando os recursos locais.
- Fortalecer o sentimento de cidadania nos moradores das comunidades próximas ao Campus do Fundão.
- Conhecer e melhor valorizar as realidades desses jovens.

- Oferecer rotas de aprendizado e valorização da educação de forma a permitir ocupação saudável e construtiva do campus para os jovens da comunidade.
- Permitir que jovens moradores das comunidades, estudantes de graduação e técnicos e professores compartilhem uma atividade em comum, no intuito de proporcionar trocas de saberes, aproximação entre os diferentes meios sociais, por intermédio da cooperação para um bem comum: a educação ambiental.

3.2: Metodologia

A partir do surgimento da ideia do curso, foram convocadas reuniões com todos os atores do projeto. Nelas estiveram presentes representantes da Decania do CT, CREAS, SMASDH (Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos), ONG Redes da Maré, NIDES, MUDA e pessoas interessadas. Foi estruturado um modelo para o curso que consistia em 10 aulas, sendo os encontros 2 vezes na semana e tendo 2 horas cada um. A periodicidade dos encontros foi pensada de acordo com as características do público alvo, que poderia se desinteressar mais facilmente por um curso muito longo e com aulas apenas uma vez por semana. O horário também foi ajustado para o período do dia em que os adolescentes mais se encontravam perambulando pelo CT.

3.2.1 As aulas e sua preparação

As aulas foram pensadas para abordar os principais temas da agroecologia: agrofloresta, compostagem e bioconstrução, bem como levantar o questionamento sobre de onde vem o alimento, para onde e como se destina os resíduos, como as plantas se desenvolvem na natureza e como todos esses elementos conversam entre si. Foi proposto um modelo em que todas as aulas haveriam conversas teóricas e atividades manuais de forma que pudessem ser passados conceitos e houvesse a fixação dos mesmos através da prática, entendendo que o público alvo do curso muitas vezes não estaria adaptado ao modelo tradicional de educação.

Foi elaborado um modelo de cessão de direito de imagem, para o caso de haver registros e divulgação do curso, e também um modelo de folder, de linguagem acessível, a ser distribuído pelo Redes da Maré e pelo CREAS para as famílias cadastradas. Foi pensado em se emitir um certificado de participação do curso como uma forma de atrair as crianças a participarem.

A divulgação do curso foi feita através do folder (Figura 2) e boca a boca. Priorizou-se palavras de fácil compreensão, letras grandes e um formato de perguntas e respostas. O folder foi distribuído pelo CREAS nas unidades das famílias cadastradas e *in loco* onde as crianças atuavam vendendo doces e balas. No campus foi priorizada a comunicação verbal sobre o curso com as crianças, quando algum integrante do projeto cruzava com elas e tinha a oportunidade de conversar. A divulgação foi iniciada oficialmente com 2 semanas antes do curso começar, para que este não caísse em esquecimento.

A parceria com o CREAS foi muito estratégica para capacitação dos alunos extensionistas em lidar com um público socialmente marginalizado. A primeira abordagem e a postura durante as aulas precisavam ser apropriadas para acolher, envolver as crianças e despertar seu interesse. Além disso, foi ressaltada a importância de se estabelecerem regras de convivência de forma que o respeito mútuo fosse mantido e que as aulas pudessem cumprir seus objetivos.

O espaço escolhido para realizar as atividades foi o LaVAPer, que fica numa área externa ao prédio do CT. A escolha se deu por ser um lugar aberto, de amplo acesso, inclusivo e acolhedor. Além de já haver estrutura para receber a turma, o espaço conta com produções de outras atividades feitas no local que poderiam ser mostradas como exemplo para as crianças. Como alternativa para dias de chuva foi pensado em levá-las ao Museu da Geodiversidade, localizado no CCMN (Centro de Ciências da Matemática e da Natureza), que fica em frente ao prédio do CT.

Através da parceria com a Decania, foram obtidos os EPI (Equipamento de Proteção Individual) necessários para algumas atividades do curso: bota e luvas. O projeto está cadastrado no RUA (Registro Único de Ações de Extensão) da UFRJ e contou com 3 bolsistas PROFAEX que são alunos de graduação da UFRJ e que participaram da organização da ação, viabilizaram e ministraram as 10 aulas.

Figura 2 - Folder de divulgação do curso

UFRJ+Maré

O MUDA, NIDES, Centro de Tecnologia UFRJ, CREAS e Redes da Maré convidam para o curso **Integração Maré/UFRJ e Agricultura Urbana**

- **O que é o curso?**
O curso é um projeto de extensão que tem como objetivo promover o aprendizado da agricultura urbana e a cooperação entre as comunidades da UFRJ e da MARÉ para a educação ambiental.
- **Quem pode participar?**
O curso se destina a jovens moradores da comunidade da Maré e de localidades próximas ao Centro de Tecnologia e à alunos da UFRJ.
- **Por que participar?**
O curso é uma forma de contato com o ambiente universitário. Lá iremos aprender a cuidar do meio ambiente e como fazer agricultura dentro da cidade.

O mais legal é que pode aplicar isso em sua vida e na sua comunidade!!!!

Haverá um certificado ao final do curso.

- **Como participar?**
O curso acontecerá do dia 19/10 ao dia 09/11 todas as sextas de 10 às 12 h]
- **Onde?**
As aulas ocorrerão no LaVA.Per na entrada do estacionamento do bloco A, CT - UFRJ (em caso de mau tempo pode ser transferido para uma sala de aula do CT).

Logos: CREAS, NIDES, CT, MUDA, redes mãe, ícone de planta em vaso.

(Fonte: Acervo do projeto)

3.2.2 Conteúdo programático

As 10 aulas foram organizadas e ministradas na ordem a seguir:

1. Apresentação dos envolvidos, facilitadores, público participante e do espaço
2. Plantio de um canteiro de horta

3. Cuidados e manejo de canteiros
4. Alimentação e Nutrição
5. Resíduos, reciclagem e compostagem
6. Bioconstrução e Artesanato
7. Música Integração e Cidadania
8. Conhecendo o Campus
9. Visita à Maré
10. Encerramento e Despedidas

3.2.3 O andamento do curso

Ao longo do curso houve a presença de 5 jovens, entre crianças e adolescentes, 2 tinham entre 12-13 anos, a idade de uma delas era desconhecida, a terceira tinha 17 anos, sendo mãe de um menino de 2 anos.

Na primeira aula foi feita uma roda de apresentação onde cada participante deveria dizer seu nome, idade, uma comida que gosta, um animal e algo que a pessoa goste de fazer, como forma de “quebra-gelo”. Depois os alunos foram levados para a trilha ecopedagógica do LaVAPer, onde se caminha por todos os pontos de interesse do espaço e se fala sobre as atividades que são desenvolvidas ali. Estavam presentes os 3 alunos bolsistas, a coordenadora do projeto, representantes do CREAS e da ONG Redes da Maré.

Na segunda aula, os alunos prepararam e plantaram um canteiro. Nessa aula foi abordado desde o processo de preparo do solo até o desenvolvimento das plantas ao longo do tempo. Ao final da aula as mudas trazidas foram plantadas e o intuito era que a turma mantivesse o cuidado com o próprio canteiro. Esse foi o dia com o maior número de presenças, os 3 alunos ativos do curso trouxeram 2 primas para participarem da atividade de plantio.

Na terceira aula foram abordadas técnicas de poda e os alunos foram levados à circular em outros espaços do campus que passaram por intervenções agroecológicas. O objetivo da aula foi mostrar a importância do manejo e cuidado com as áreas de convívio.

No dia anterior à quarta aula houve uma chuva forte por toda cidade, e na manhã do curso ainda estava chovendo. Devido a isso, não houve presença das crianças no curso mesmo havendo atividades programadas.

As aulas seguintes foram constituídas por conversas teóricas e atividades práticas, dentro dos temas previamente pensados. Foi feita uma horta freática usando garrafas PET, oficina de música, visita ao CT, roda de conversa sobre resíduos e reciclagem, entre outras atividades. Além das aulas no espaço LaVAPer houve ainda uma visita à um espaço ao lado da associação de moradores da maré, onde os participantes do curso plantaram uma horta comunitária.

Figura 3 - Construção do canteiro no LaVAPer



(Fonte: Acervo do Projeto)

Figura 4 - Dinâmica da teia



(Fonte: Acervo do Projeto)

4 RESULTADOS

Após o final do curso, em uma avaliação feita pela equipe que realizou a ação foi observado que uma das dificuldades mais importantes do curso foi sensibilizar o público alvo, no caso, os meninos e meninas da Maré que perambulavam no CT a participarem do curso.

Para captação de interessados contou-se com a abordagem ativa dos parceiros do CREAS, dos alunos bolsistas, da representante da Decania, da coordenadora e outros interessados, mas de fato, o curso teve um número reduzido de participantes. Algumas vezes, os jovens evitavam a abordagem das assistentes sociais. A razão era que eles temiam que as assistentes fossem insistir com perguntas familiares ou que fossem levá-los para o Degase ou conselho tutelar.

Apesar de o vocabulário ter sido uma barreira para o entendimento de alguns conceitos, as aulas transcorreram bem, em um ambiente participativo e acolhedor. Em especial, o dia em que foi feita a visita à maré foi muito rico, pois permitiu que os alunos de graduação

pudessem participar de uma atividade no complexo da maré, o que valorizou o espaço onde os alunos do curso moram.

A ação permitiu evidenciar uma das razões pela qual os alunos perambulam pelo campus: eles não frequentam escola porque foram matriculados em instituição de ensino localizada geograficamente em região sob domínio de facção do tráfico rival à facção que domina a região onde esses jovens moram. Percebeu-se que eram meninos que cresceram em ambiente familiar, porém haviam perdido pai e mãe e viviam sob os cuidados de uma avó que ainda trabalhava e cuidava de outras crianças da família.

Apesar das dificuldades e do alcance, do ponto de vista quantitativo, ter sido aquém do esperado, observou-se que, qualitativamente, o curso ofereceu, ao longo de 8 aulas efetivas, a oportunidade de aproximação entre jovens de classes sociais distintas, proporcionando diálogo e trocas de experiências na universidade. O apoio do CREAS proporcionou também, que uma das alunas do curso pudesse voltar a estudar na rede pública de ensino.

Como prática, a educação ambiental prepara para a formação da cidadania por meio da participação ativa individual e coletiva.. Os resultados com os envolvidos foram muito positivos, desde a participação, ao interesse e gratidão pelas atividades exercidas e como experiência individual em cada participante, foi perceptível que o curso fez crescer o entendimento da importância de estar na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta para uma próxima ação o grupo pensou que seria mais interessante fazer o curso em módulos bem definidos, divididos por temas e com certificação individual. O grupo propôs também que houvesse um mapeamento de outras ações na UFRJ que poderiam ser desenvolvidas e que despertem interesse destas crianças e adolescentes, como: práticas esportivas, música, artes, entre outras. A prática esportiva parece despertar profundo interesse entre os jovens, sendo assim, bastante promissora para atuar como inclusão e valorização social.

Com o início do ano acadêmico de 2019, o problema dos jovens que perambulam pelo campus voltou a crescer, o que trouxe novamente à tona a discussão de como lidar com essa situação. Foi formada uma Comissão de Segurança do CT. As primeiras reuniões têm demonstrado a priorização de medidas pragmáticas imediatistas. Embora essas medidas possam ter uma eficiência no curto prazo, a experiência com o Projeto de Extensão Integração Maré deixou claro que a questão é muito mais complexa do que adotar apenas soluções paliativas de medidas de restrição ao acesso. Frequentemente, as soluções implementadas para lidar com a segurança são míopes e excludentes.

O grupo que trabalhou no projeto Integração Maré entende que, apesar de muito mais árdua, é necessária a continuação de uma ação integrada, multidisciplinar de médio e longo prazos como forma de lidar com uma questão tão complexa mas que pode se consolidar como eixo de formação cidadã de todos os envolvidos.

Agradecimentos

Agradecimentos a equipe de execução e aos parceiros do curso Integração Maré/UFRJ e a Agricultura Urbana Camila Alves Martins(bolsista PROFAEX UFRJ), Lucas Marques de Paulo (bolsista PROFAEX UFRJ), Lynna Toni Fuly (bolsista PROFAEX UFRJ), Profa. Heloisa Firmo (profa. Poli, Nides UFRJ e coordenadora do MUDA), Marilda Duboc (coordenadora do curso Integração Maré/UFRJ e a Agricultura Urbana-Nides UFRJ, Solange Regina Gomes Bergamini (Decania do CT-UFRJ), Fabiana Figueiredo (Diretora Creas Stella Maris), Ana Cristina Ferreira Telles (SMASDH / 4 CASDH do Município do Rio de Janeiro), Carolline S. T. de lima (CREAS Stella Maris), Claudio Marcio Escovino Junior (CREAS Stella Maris), Kelly Cristina de Oliveira Mathias (CREAS Stella Maris), Regina Célia Magalhães Waltenberg (Decania do CT-UFRJ), Josete Lima (Decania do CT-UFRJ), Luiz Otávio Martins (Decania do CT - UFRJ), Huascar Costa Filho (Decania do CT-UFRJ), Aline Adria Borges (Redes da Maré), à demais integrantes do projeto Integração Maré/UFRJ, Maria Helena Magalhães (UFRJ), Samira (Trailer Bloco A/B - CT), Ligia (Trailer Bloco F - CT), Cristina Ayoub Riche (Ouvidoria UFRJ) e Profa Rosane Morgado (UFRJ).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Emancipação e educação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. 13a ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

GÖTSCH, E. **Homem e natureza: cultura na agricultura**. 2a ed. Recife: Centro Sabiá, 1997.

INÁCIO, T. C.; MILLER, M. R. P. **Compostagem: Ciência e Prática para a gestão de Resíduos Orgânicos**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2009.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: Um guia prático**. Brasília DF: MDA, 2006